

por donde se conosca y se pedrique [sic] su sancto nom-
bre y aquellos barbaros ya catolicos x'ptianos rindan/
el//

el acimiento de graçias a su deuina Mag.^d y a n'ro gran/
Monarca Phelipe quarto y sus balerosos españoles los de/
vidos reconocimientos de los passados trabajos en su/
conservacion y los grandes gastos de grueças armadas/
que por sustentarlos en la union de la Iglesia catoli-/
ca gasta casi ordinariamente defendiendolos de he-/
rejes enemigos de la Iglesia como adelante se dira.//”

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

VALENCIA Y GUZMÁN, J. 1984. *Compendio historial de la jornada del Brasil (Pre-
fácio de Maria Cristina Prates, introdução de Marco-Aurélio de Alcântara).*
Edição fac-similar com transcrição paleográfica. Recife, Pool Editorial.

Recebido em: 08.11.2001
Aprovado em: 14.01.2002

NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DA ZOOLOGIA DO BRASIL. 2. AS VIAGENS DE FRANCISCO DE MELO PALHETA, O INTRODUTOR DO CAFEIRO NO BRASIL

Nelson Papavero¹
Dante M. Teixeira²
William L. Overal³

RESUMO – Faz-se um breve relato da vida e das viagens de Francisco de Melo Palheta. Apenas o relato de sua viagem pelo Madeira, em 1722-1723, redigido por um autor anônimo, contém algumas referências a animais. Palheta é melhor conhecido como o introdutor do cafeiro no Brasil, trazido da Guiana Francesa.

PALAVRAS-CHAVES: Brasil, Amazônia, Francisco de Melo Palheta, Século XVIII, Fauna, Rio Madeira.

ABSTRACT – A brief survey of the life and travels of Francisco de Melo Palheta is made. Only the report of his voyage up the Madeira River, in 1722-1723, by an anonymous author, contains some references to animals. Palheta is better known as the man who introduced the coffee plant in Brazil, from French Guiana.

KEY WORDS: Brazil, Amazonia, Francisco de Melo Palheta, 18th century, fauna, Madeira River.

¹ MCT/Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Zoologia. Caixa Postal 399. Cep: 66040-170. Belém-PA. Pesquisador-Visitante (Bolsista do CNPq).

² Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional. Quinta da Boa Vista. Cep: 20940-040. Rio de Janeiro-RJ. Bolsista do CNPq.

³ MCT/Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Zoologia. Caixa Postal 399. Cep: 66040-170. Belém-PA.

Ao publicarmos “O Novo Éden” (Papavero et al., 2000), não incluímos o curioso relato feito por autor anônimo da viagem realizada por Francisco de Melo Palheta ao Madeira, em 1722-1723, do qual constam algumas referências à fauna da região. Este artigo, calcado sobre o esplêndido ensaio de Basílio de Magalhães (1939), destina-se portanto a preencher essa lacuna.

Os primeiros anos de Francisco de Melo Palheta

Francisco de Melo Palheta, “natural do Pará”, deve ter nascido por volta de 1670, filho de João Rodrigues Palheta, natural da vila de Serpa, na província de Alentejo, Portugal, e que chegou, no Brasil, ao posto de “capitão de infantaria”, e de Dna. Maria da Ressurreição de Bittencourt. Sendo militar o pai, bem moço, talvez, assentou praça Francisco de Melo Palheta na tropa regular da guarnição portuguesa do Estado do Maranhão e do Grão-Pará.

A expedição de 1691

A primeira notícia que temos sobre as atividades de Palheta consta do “Diário do padre Samuel Fritz”, publicado por Rodolfo Garcia em 1917. Esse sacerdote boêmio-alemão, vindo para a província jesuítica hispano-americana de Quito em 1685 ou 1686, fez-se apóstolo dos índios omáguas do Amazonas, os quais, além de doutrina, careciam de quem os defendesse dos portugueses do Pará, que freqüentemente lhes invadiam as cabildas, para reduzi-los à escravidão. Do principal aldeamento em que arrebanhava aqueles índios, São Joaquim, desceu o pe. Samuel Fritz, em fins de janeiro de 1689, à maloca central dos iurimáguas; e, ou para tratar-se de enfermidade perigosa, que o acometera, ou para melhor patrocinar a liberdade dos selvagens, aportou a Belém em 11 de setembro do mesmo ano. Governava o Estado do Maranhão, desde 1687, Artur de Sá e Meneses. Permaneceu ali o inaciano vinte e dois meses, dezoito dos quais detido no Colégio dos Jesuítas, porquanto, logo que chegou à capital paraense, reclamou do capitão-general “o reconhecimento dos direitos da coroa castelhana sobre os territórios onde estavam situadas suas missões”. Consultava o governador ao soberano sobre esse alarmante caso do padre Fritz, e a resposta do rei de Portugal já alcançou ao sucessor de Artur de Sá e Meneses, Antônio de

Albuquerque Coelho de Carvalho, que regeu o Estado do Maranhão e do Grão-Pará de 1690 a 1701. Reprovou D. Pedro II a detenção do loiolista e ordenou fosse o mesmo reposto, à custa da real fazenda, no posto das missões de que saíra, ou em Quito, se fosse preciso. A fim de cumprir tal ordem, consumiu o representante da metrópole três meses. Só a 8 de julho de 1691 pôde regressar o padre, acompanhado por um cabo (?capitão), um alferes, sete soldados, um cirurgião e trinta e cinco índios, estes como remeiros da flotilha de canoas. É aí que aparece a mais antiga referência que se conhece, em documentos de boa fonte, à atividade militar de Francisco de Melo Palheta. De fato, dando notícia da escolta que, por mandado do monarca lusitano, ia conduzi-lo de retorno, pelo rio-mar, às terras andinas da coroa espanhola, disse em seu Diário o padre Samuel Fritz que só dois dos homens que a compunham “eram portugueses brancos”, o cirurgião, cujo nome não declinou, e o soldado Francisco Paiheta [sic]. Saída de Belém a 8 de julho de 1691, a expedição de que Palheta fazia parte (e devia contar então 21 anos de idade), só deixou o padre Samuel Fritz a 20 de outubro, na aldeia de Nossa Senhora das Neves, dos iurimáguas, depois de havê-lo conduzido até à de Maiavara, última redução dos omáguas. E o cabo da tropa não largou o jesuíta, sem que primeiro o intimasse, conforme ordem reservada que levava do governador do Estado do Maranhão, a retirar-se “daquelas províncias, por pertencerem à coroa de Portugal”.

Não se conhecem outros fatos concernentes à vida de Palheta no restante do século XVII e dentro da primeira década do século XVIII, senão o de haver ele obtido do governador do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, a 7 de fevereiro de 1709, uma sesmaria no rio Ubituba, a qual lhe foi confirmada por ato régio de 10 de fevereiro de 1712 (cf. Anais Bibl. Arqu. Públ. Pará 3 (1904): 55). Vê-se por aí que, não obstante prosseguir na carreira militar, na qual ia ascendendo aos melhores postos, entendeu ele de dedicar-se também à agricultura.

Os atos mais notáveis, porém, da existência de Francisco de Melo Palheta, ocorreram em 1722-1723 e 1727.

A viagem pelo Madeira até a Bolívia (1722-1723)

Em 1722 já ocupava Palheta o posto de sargento-mor (equivalente ao de major atual), quando foi incumbido pelo governador do Estado do

Maranhão, João da Maia da Gama (19 de julho de 1722), de importante missão no interior do Brasil.

Não se sabe o motivo que levou João da Maia da Gama a armar esta expedição, que, sob pretexto de descobrimento do rio Madeira e das suas nascentes, ia realmente em busca de novos caminhos fluviais que facilitassem as comunicações entre o Pará e as possessões espanholas do Peru (ainda não existia a Bolívia, formada depois por Simón Bolívar em terras do alto Peru), cujas inesgotáveis minas de prata eram, a esse tempo, causa de não pequena inveja da metrópole portuguesa. Parece, contudo, que a viagem de Palheta deve ter sido determinada por duas ordens régias, datadas ambas de 15 de março de 1722 (Anais Bibl. Arq. públ. Pará 1 (1902): 196-197) e expedidas por D. João V ao referido governador, que as trouxe consigo de Lisboa, visto como só se empossou do cargo a 19 de julho do dito ano, e envidou logo os melhores esforços para cumpri-las. A primeira referia-se à possibilidade de haver prata em algumas serras do sertão dos domínios portugueses no Brasil; e a Segunda às vantagens de abrir-se comércio com os castelhanos de Quito, pois por esse meio se poderia tirar “alguma prata”, o que redundaria em benefício do Estado do Maranhão, e do próprio reino metropolitano. Pelo contexto delas, verifica-se que resultavam de representações de João da Maia da Gama. É provável também que, resolvendo fazer seguir Francisco de Melo Palheta pela via do Madeira, que não pela bem conhecida do Amazonas, que o referido militar já cursara com a recondução do padre Samuel Fritz, cogitasse o governador do Estado do Maranhão e do Grão-Pará de verificar se por ali poderiam ser estabelecidas comunicações com as regiões auríferas de Goiás e Mato Grosso, cuja fama, pr certo, já deveria ter chegado a Belém do Pará. Um aventureiro, português nato, Manuel Felix de Lima, foi quem, em 1742-1743, saindo, com o seu pequeno bando, do far-west brasileiro, atingiu, por várias correntes fluviais, entre as quais as do Madeira, a capital paraense. Mais tarde, sobretudo logo depois da aventureira viagem de Manuel Felix de Lima, foi que se preocupou o governo da metrópole, a instâncias dos seus representantes no Estado do Maranhão, com o tráfego comercial entre este e as terras, opulentas de ouro, de Goiás e Mato Grosso, já erigidas em capitânias desde 1744 e 1748, permitindo-lhes as comunicações “somente pelo rio da Madeira e Guaporé,

e não por algum outro”, conforme a ordem régia de 14 de novembro de 1752 (ver *Revta Inst. hist. geogr. Brasil* 90 (1925): 172).

Desta viagem de Palheta, que, vencendo obstáculos e arrostando perigos, chegou até a redução jesuítico-espanhola de Santa Cruz de Cajuvabas, estabelecida à margem do Mamoré e bem abaixo da confluência deste com o Guaporé, deram vagas notícias muitos escritores; mas, até quase fins do século XIX, ninguém que conhecia o íntimo relato oficial. Tendo, porém, o falecido livreiro João Ribeiro Martins, oferecido à Biblioteca Nacional uma coleção de manuscritos, da mesma fazia parte (em cópia recente, constante de um in-folio de 35 páginas, feita do original existente no tomo I dos “Papéis vários” da Torre do Tombo) o dito importante documento que, sob o no. 19.621, figurou na Exposição de História e Geografia do Brasil, realizada a 2 de dezembro de 1881 (v. “Suplemento ao Catálogo”, 1883, pág. 1.657). Eis o título desse documento: “Narração da viagem e descobrimento que fez o sargento-mór Francisco de Mello Palheta no Rio da Madeira e suas vertentes, por Ordem do Senhor João da Maia do Gama do Conselho de Sua Magestade, que Deus Goarde, seu Governador e Capitam General do Estado do Maranhão cuja viagem e expedição se fez no anno primeiro do seo governo: e se gastou nella desde 11 de Novembro de mil setecentos e vinte e dous, the doze de Setembro de mil setecentos e vinte e tres”.

Capistrano de Abreu, percebendo-lhe a relevância, copiou-o da dita coleção e fê-lo estampar na “Gazeta Literária”, números de 11 de outubro e 24 de novembro de 1884 (pp. 372-376 e 387-391 do tomo 1, único publicado). Essa relação foi depois reproduzida por Basílio de Magalhães (1939).

O teor desse importante documento é o seguinte:

“A bandeira de Francisco de Melo Palheta ao Madeira em 1722-23, segundo um dos seus companheiros

Partiu a tropa da cidade de Belém, praça do Grão-Pará, a 11 de Novembro, em que veio o mesmo general despedir ao sargento-mór e cabo, acompanhado da nobreza da terra; e já despedidos, demos uma salva geral, emproando as proas ao Norte que seguíamos Leste-oeste, nos fomos despedir de Nossa Senhora do Monte do Carmo, a quem nos recommendamos

e a tomomamos por estrella e nossa advogada, para com seu patrocínio vencermos este impossível e um descobrimento de todos tão desejado.

A continuar nossa derrota se seguia a galera Santa Eufrozina e São Ignacio, em que vae o Cabo, que esta é a nossa capitanea; seguia-lhe a galeota do padre capellão com a invocação de Santa Rita e Almas, e a esta a canoa São Joseph e Almas, que serve de armazem em que vae o maior compute de soldads; a esta se seguia a galeota Menino Deus, em que vae o sargento com a mais infantaria, e por ultuimo a galeota Sancta Rosa, em que vae o capitão de infantaria da mesma tropa, servindo de almirante.

Fomos buscando o rio Mojú e seguindo por elle a nossa jornada até o estreito de Igarapé merim, que desemboca no rio dos Tocantins, onde está fundada a villa de Camutá, em dois graos do sul; nesta villa estivemos tres dias, á espera da infantaria volante que della nos acompanhou e levamos de guarnição; e d' aqui demos ordem a partir buscando o rumo que havemos de seguir pelo grande rio das Amaznas, o qual é um dos maiores que no mundo se tem descoberto, que corre de leste a oeste; e o segundo até embocarmos pelo famoso rio da Madeira (o rio Venes, que é chamado pelos Hispanhoes das Indias de Hispanha do Reino do Perú), que nelle agora descobrimos, e corre este de norte a sul, pelo qual fizemos entrada a 2 de Fevereiro de 1723, e gastamos dias de boa marcha, 17, até aonde nos aposentamos a fazer arraial em uma tapera de gentio Iumas, sitio admiravel em tudo, assim para nossa segurança como em o necessario, no qual mandou o cabo que se lhe puzesse por invocação Santa Cruz de Itumar, onde fizemos igreja, armazem, corpo de guarda e casas necessareias; aqui mandou o cabo repartir a infantaria em duas esquadras, donde actualmente havia uma sentinella que guardava munições e fazenda real e de noite uma ronda para rondar a sentinella, canoas e todo o arraial.

Depois de tudo assim disposto, ordenou o Cabo se fizesse seis galeotas para se poder nellas passar as cachoeiras; o que fez pela informação que teve se não podia fazer entrada com as grandes com que nos achavamos pela terribilidade das pedras.

Feitas as ditas galeotas as preparamos de todo o necessario e de quantidade de cabos para as puxarmos pelas cachoeiras; neste tempo se esperava já pelo socorro da cidade, o qual chegou a 4 de Junho, e havia

muito tempo que os miseraveis soldados, indios e inda o Cabo, depois das fructas do matto acabadas, **comiam unicamente carne de lagartos, cameliões e capivaras**, por não haver outro mantimento, pois não tinhamos outra cousa a que nos tornassemos.

Com o dito socorro tambem veiu o reverendo padre mestre João de São Paio, em sua galeota, e tanto que o Cabo se viu soccorrido de nosso excellentissimo general, tratou logo de se pôr a caminho, o que fez a 10 do dito mez de Junho, com 10 canoas pequenas, que são as seis que se fizeram e quatro que tinhamos.

Antes de embarcar carregou a Lourenço de Mello o governo do arraial encommendando-lhe muito a paz, união e conservação da gente que lhe deixava, assim soldados, como indios.

Prosseguimos nossa viagem por aquelle temerario e horrivel rio e o padre mestre João de São Paulo nos acompanhou um dia de viagem, d' onde se despediu de nós tornando para sua missão, e nós fomos seguindo a nossa derrota até á ilha nova da Praia de Santo Antonio, onde tivemos missa no dia do dito Sancto, razão por que assim o invocámos. Aqui mandou o Cabo tirar a somma da gente com que se sunmettia ao seguimento d' aquelle rio e de suas vertentes e achamos por conta 188 pessoas, 30 de armas de fogo e 88 indios de frechar e com este numero de gente prosseguimos viagem.

Chegamos ao rio Iamary com 10 dias de viagem, e continuamos para cima aos 22 do mez chegamos á cachoeira chamada Maguary, e na passagem della se alagou Damaso Botelher em uma galeota, na qual perdeu o Cabo a sua capa, o que deu por bem empregado por ser em serviço de Sua Magestade que Deus guarde.

D' aqui fomos á cachoeira chamada dos Iaguerites, onde chegamos vespersas de S. João e nella vimos sem encarecimento uma figura do Inferno: porque tendo eu visto grandes cachoeiras, como são as horriveis e celebradas do rio dos Tapajós todas e do rio dos Tocantins, a Itaboca e as mais que se seguem pelo rio de Araguaya e por elle até a cachoeira do Padre Raposo chamada Otimbora, pois nenhuma iguala nem tem paridade a esta do rio da Madeira, na sua grandeza e despenhadeiros de pedras e rochedos tão altos que nos pareceu impossível a passagem, como na realidade, pois para a

passarmos foi necessario fazer-se caminho, cortando uma ponta de terra onde fizemos fachinas, sendo o Cabo o primeiro no trabalho a dar-nos exemplo, e fizemos uma boa grade de madeira por onde se puxaram as galeotas. No dito dia ainda se puxaram quatro, supposto que com muita fadiga, e já acabamos tarde; e no outro dia, que foi o do nascimento de S. João, se puxaram as mais e se carregaram outra vez com farinhas e munições, que as fomos comboiar mais de meia lrgua de caminho por terra.

Daqui continuamos nossa jornada passando cachoeiras umas traz das outras e chegamos á Quinta cachoeira, a que chamam Mamiu, que gastamos 3 dias em passar nella as galeotas á corda, não havendo excepção de pessoa neste grande trabalho, **e com tal perseguição de Piuns, que cada mordedura é uma sangria**, ficamos em uma ponta aonde foi julgada que humanamente se não podia passar; e passamos as galeotas a outra banda do rio para haver de melhor passar, e o Cabo mandou puxar a sua galeota por cima das lages e as duas mais pequenas que servem de espia, e foi esperar pelas mais canoas á ilha chamada das Capivaras, e pela tardança deram bem cuidado ao Cabo até 9 horas da noite, que nos ajunctamos; e logo que amanheceu fomos seguindo nossa viagem á cachoeira chamada Apama, vespera de São Pedro; e fazemos fachinas egualmente soldados e indios, rompemos as attas por terra a dentro dois quartos de legua, em que gastamos dois dias em fazer caminho e grade, rompendo a golpe de machado e alavancas grandes pederas e afastando outras aos nossos hombros com bem risco de vida.

Esta cachoeira assinalada dos Apamas é tão terrível e tão monstruosa e horrivel, que aos mesmos naturaes de cachoeiras mette horror e faz desanimar, porque de continuo está no mais violento curso de sua desatada corrente, e que não encareço por não ser suspeito, porém, deixo á consideração e representação dos experientes, pois por muito que dissera não dizia nem ainda a Terça parte do que é, o que se póde perguntar egualmente assim ao Cabo e capitão como a todos os mais da companhia.

Aqui demos ordem a puxar as galeotas, e se puxarem tres a maio caminho, porque uma galeota botou o beque fóra cercio, desfazendo a amura e as conchas, que foi necessario pôr-lhe rodella, ao outro dia se puzeram as mais; e a 2 de Julho, depois das galeotas concertadas e breadas que se acabaram pelas 10 do dia, partimos e fomos seguindo a nossa jornada todo

aquelle dia, sem acharmos porto capaz até ás 8 horas da noite, porque este rio em si está a cair toda a beirada continuamente e de tal sorte caem pedaços de terra, que deixa uma enseada feita, e fomos dormir a uma ilha de pedras de onde achamos boa ressaca para as galeotas se amarrarem seguras; e logo que amanheceu seguimos viagem ao porto dos Montes, onde disse o guia vira um caminho que descia ao porto que era do Gentio, que habitava naquelle logar, mas não se viu trilhas nem caminhos, por estar já deserto; **neste dito porto fomos visitados por uma praga de abelhas, assim a quantidade das grandes, como a machina das pequenas, tão espessas como nuvens, buscando-nos olhos, e ouvidos e bocca, e todos enguliram bastantes**, porque se as enxotassemos das rações ficaríamos destituídos de toda a limitação que temos de farinha, que é tão limitada a medida em que se dá, que apenas é para dois bocados de bocca, e fechada cabe um uma mão toda; **logo tambem o que vamos comendo, são cameleões e uns animaes a que chamam capivaras, e alguns por se não atrever a estas poucas carnes comem só ovos dos ditos lagartos. Peixe de nenhuma casta, nem sorte se acha, que das pobres espingardas é que vamos passando a remediar a vida.**

O Cabo que nos rege não dorme nem socega antevendo o futuro, e por isso é tão prrvisto e assim vamos com muita regra com a farinha; e tornando á nossa derrota fomos caminhando até á noite que aportamos na beirada de uma cachoeira e determinamos a passal-a no seguinte dia.

Neste logar deu parte o Principal Joseph Aranha ao Cabo haver uma mui grande cobra abolada, que affirmam todos os que a viram teria de comprimento pouco menos de 40 passos e de grossura julgaram ter 15 a 17 pés; grandes monstruosidades de animaes semelhantes tem este rio, porque com esta são duas que se tem visto nesta viagem, e outras maiores immundicies se póde ver nelle, porque não há duvida que essas vehemencias de pedras (nas concavidades que têm) muito mais pódem criar.

E assim que amanheceu fomos seguindo nossa jornada até ser horas de parar e tomamos porto pelas 11 do dia.

Chegou logo o ajudante com um lote de gente onde vinha o Principal, Indio moço e mui arrogante, e é certo que chegou com mui pouca vontade

porque dizem se atracára com um Indio nosso, mas que vendo o nosso poder aplacara da furia, e assim solto o trouxeram á presença do nosso Cabo; acompanhavam a este dito Principal dois mocetões, seus filhos, de pouco mais de 15 a 12 annos e duas Indias, mães dos ditos e mulheres do Principal, com mais um rapaz e uma rapariga e todos faziam computo de treze cabeças.

Fez o Cabo o possível por um lingua para os mandar praticar, mas não se achou quem os entendesse, porque falando a nossa lingua, batiam com as mãos nos ouvidos, mostrando ter sentimento de não ouvir a nossa practica, mas com grandiosos mimos e dadas ficavam mui contentes e satisfeitos no que mostravam.

Aqui Nossa Senhora do Carmo, que não falta a seus devotos, espiritou ao lingua em fallar-lhes em lingua de outro gentio seus conhamenas, logo respondeu o Principal gentio com um agrado ao que lhe propunha o nosso lingua por cuja giria foi continuando a practica, e sobre e por razão da paz firme e valiosa que com elles pretendiamos fazer, e na mudança de vida para virem ao gremio da igreja, avassalando-se como os mais gentios fizeram, a que respondeu estava contente e certo nas clausulas e firmeza da paz, e dizendo ao Cabo que o esperasse que o queria vir visitar da sua provincia e trazer-lhe algumas cousas em reconhecimento do bom tracto e mimos que lhe havia dado se queria recolher; ao que o Cabo respondeu mandando-lhe dizer que tudo agradecia e que se fosse em paz, que sua vontade era seguir para cima o rio, fazendo pazes e descobrimento, que não vna fazer escravos, senão amigavel paz com todos; e aquelles que lhe quizerem impedir sua jornada tomando armas para elle, que a estes sim lhes declararia guerra.

Foi o Principal gentio em paz para a sua provincia, o qual na estatura e presença era mui bem parecido e os enfeites que trazia era uma colleira de miudas contas de fruta do matto, muito negras e o cabello atado atraz em molho e nelle um penacho, e por diante trazia o cabello cortado, de orelha a orelha, os beiços tintos de vermelho de uma casca de pão que mordia; as Indias cobriam o que a natureza occultar ensina com umas franjas de fio tecido, e cingiam no cinto com uma enfiada de contas das ditas fructas do matto; era para ver como festejavam os nossos avellorios; é este gentio muito pobre; as suas redes são de casca de pão aqui chamada embira.

Despedidos elles, ficamos de aposento até ao outro dia ao amanhecer, que fomos seguindo a viagem, e sendo por horas de vespuras chegamos á paragem em que o rio estava tapado com uma grande cachoeira e andamos buscando canal com excessivo trabalho. Começamos a passar a 9 de Julho e a 12 do dito é que sahimos della, e logo avistamos o apartamento do rio que vae ao Sul, para onde seguiamos a nossa jornada, deixando o famoso rio da Madeira a Oeste, entramos pelo dito a que os Hispanhoes chamam Momuré, e neste mesmo dia passamos nelle a primeira cachoeira.

Sendo pela manhã no dia seguinte depois de missa partimos a passar a dita temeridade da cachoeira, e posta a galeota do Cabo para ser a primeira na passagem, não foi possível, porque assim que fomos puxando por ella, para subir um degrau, que só teria seis pamos de altura, por ser muito direita a queda que fazia a agua com a velocidade que despenha a furia da correnteza, logo sem mais tempo se foi a pique largando toda a pobreza que levava dentro em si, sem dar tempo a que lhe pudessemos acudir, porque inda que fossem as amarras do mais fino linho não poderiam ter mão a estas grandiosas correntes.

Ficou o nosso Cabo nesta alagação destituído de tudo, que uma viagem com dois naugrafios é grande perdição, e sem poder neste certão remediar-se do preciso; aqui ia morrendo um soldado afogado se lhe não acudissem; vendo o Principal José Aranha que a primeira se afundava nem por isso deixou de se submeter ao perigo, e querendo passar a sua, lhe disse o Cabo repetidas vezes: quantos hoje não de ficar orphãos; e indo-se já puxando por duas grossas cordas, tornou a repetir o Cabo aos Indios que na galeota iam, que tirassem as camisas para as não perderem; não tinha bem acabado de dizer, quando logo se foi a galeota a pique arrebetando as duas cordas, e por grande diligencia do Cabo, a tiramos do fundo do mar [sic], que já estava captiva das temerarias pedras e soberbas ondas que faz, levantando outra vez ao alto a correnteza que vae de riba.

Aqui operou Nossa Senhora do Carmo um grande milagre, porque um Indio nosso chamado Martinho, por enfermo dos olhos estava em uma rede debaixo dos paioes da canôa e escapou sem molestia quando a canôa se subverteu, de sorte que o susto bastava para molestar. Estivemos dois dias concertando as duas galeotas e no terceiro dia fomos seguindo viagem,

sempre levando por prôa aquella machina de pedras e com o trabalho de ir puxando as nossas galeotas até o porto do gentio chamado Cavaripuna, e como os espias deram com um caminho seguido de gentio, mandou o Cabo uma escolta boa procurando ao Principal daquella nação, e se recolheu a dita escolta com seis pessoas, a saber, um Indio de meia idade com dois filhos maiores, duas crianças e a India mãe desta familia. E vindo estes taes á presença do Cabo lhes mandou perguntar se entre elles vinha algum Principal, ao que respondeu o Indio pae de familia que não, e que temido dos brancos pelos não captivar viviam separados, cada um por seu norte distinguidos, e de sua nação, solitario elle vivia n' aquellas brenhas, mas que sabia que o Principal Capejú que da outra banda do rio vivia desejava muito de ter falla de brancos para se commerciar; ouvido pelo Cabo e certificado de seu dizer lhe perguntou que dias se gastaria a chamar o dito Principal; disse que quatro dias e que elle mesmo o iria chamar e que esperassemos depois de passada a ultima cachoeira, e que por firmeza de sua palavra deixaria na nossa companhia sua mulher e filhos; despediu o Cabo ao Indio (com dois Indios mais nossos que lhe fallavam a giria), com bastantes mimos, de ferramentas, facas e a vellorio aos 18 de Julho.

Logo que amanheceu o seguinte dia nos fomos aposentar na espera do gentio, onde esyivemos dez dias, e como não vieram prosseguimos nossa derrota até as boccas dos rios de agua branca e de agua preta, onde chegamos no 1° de Agosto.

Este caudaloso rio d'agua preta se aparta do rio Branco, correndo na bocca a Sueste Quarta de Sul, a cujo rio chamam os Hispanhoes Iteenis e o dito rio Branco parte a Sueste quarta de Oeste, na entrada a que tambem os Hispanhoes chamam Mamuré.

Entre estes dois rios nos aposentamos em uma longa praia de arêa e d'aqui seguimos o rio ranco por nos parecer mais pequeno (como é) este declarar signaes de habitado, porque não há estalagem de gente que nelle cursa que não tenha cruz, doutrina seguida em aquella povoação, já seguimos (com estes vestigios) a nossa fatal viagem com a esperança de aproveitar com fructo tanto trabalho e perigos de vida.

E sendo a 6 de Agosto o sentinella que fazia o quarto da sua fallou a uma canôa que vinha rio abaixo com 10 Indios Hispanhoes, foi o Cabo em

pessoa na sua galeota tomar-lhes o encontro a fallar com elles, e trazendo-os para a praia d'onde estavamos se informou o nosso Cabo cabalmente e tomamos um guia para nos levar seguros ao porto da grande povoação de Samcta Cruz de Cajuáva, e no seguinte dia por horas de vesperras encontramos cinco canôas, que iam deste rio Mamuré para o de Itennis, e assim que nos avistaram levantaram uma cruz por bandeira, e perguntaram-nos si eramos christãos lhes respondemos que sim e Portuguezes, a que sorrindo-se e benzendo-se todos a um tempo: christãos portuguezes? Nós o somos de S. Pedro, e fallando com o Cabo tomamos terra, onde jantamos.

Estiveram comnosco este gentio pouco mais de uma hora, e neste limitado prazo tiveram elles e tivemos nós um grande contentamento, de sorte que ficou apagando todos os trabalhos de antes; despediram-se para baixo e nós prosseguimos; e já d'aqui se não vê mattos sinão tudo campos geraes assim de uma como de outra parte do rio e pela terra a dentro.

Pelas 4 horas da tarde ouvimos zurros de gado vaccum, e ordenou o Cabno fosse o Sargento Damaso Botelher a dar a entrada e lhe recommendou a força da diligencia e maniferstação ao regedor. D'aqui dizia o guia não chegaremos á povoação sinão amanhã, e como logo ouvido isto, mandou o Cabo se marchasse toda a noite, e se não parasse sinão juncto da dita povoação, aonde esperaria sua vinda, o qual chegado pelas 7 horas da manhã, o levaram pela povoação dentro dos Indios d'ella com tal amor e cortezia que fazia admirar, e chegando á praça fallou aos Padres que estavam naquelle collegio, os quaes o receberam com repiques de sinos e grande alvoroço d'aquelle povo, mostrando com instrumentos de orgão, cravo e musicas e com clarins e charamellas o como nos festejaram alegres.

A saudação que osditos Padres fizeram ao Ajudante, foi beijando-lhe a mão com o nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, e o levaram para dentro onde estavam mais dois religiosos, dos quaes foi abraçado e o levaram para dentri porque se não entendiam nem se podia ouvir a falla de uma pessoa a outra pelo grande rumor de muita gente que a rodeava.

Chegando com os ditos padres o Ajudante ao sobrado, onde em uma capellinha estava uma imagem do Senhor Crucificado em um grave nicho, que de uma e outra parte tinha janelas rasgadas que cahiam sobre o

Jardim: aqui ajoelhou o Ajudante com uma devida reverencia, dando graças a Deus de haver chegado á terra de Christandade com tão bom successo depois de tantos trabalhos.

Acabada a oração lhe offereceram os Padres assento e pondo-se em silencio interrompeu o nosso enviado dizendo:

‘Reverendissimos Padres, nós somos vassallos do senhor Rei Dom João Quinto de Portugal que Deus guarde e por noticias e signaes que se viu neste rio de muitas cruces se resolveu o senhor João de Maya da Gama, nosso excellentissimo Governador e Capitão General, a mandar dez galeotas armadas em guerra com infantaria de cravineiros a fazer descobrimento, e trazendo um Sargento Mór por Cabo da tropa, o qual me envia a dizer a Vossas Reverendissimas e ao regedor d’este povo, para que assim se não assustem com a sua entrada’.

Respondou o Padre Miguel Sanches de Arquino que já havia muitos annos esperavam a vinda dos senhores Portuguezes a aquellas Indias, e perguntando que gente traziamos, lhe deu por conta o nosso Ajudante que 188 pessoas; perguntou si era o Cabo cavalleiro e lhe foi respondido com a verdade de que era dos principaes da terra na capitania do Pará; perguntou mais se traziamos Missionario e de que religião, foi-lhe dito que só um clerigo levavamos por capellão; perguntou mais pelos nomes, p que tudo se lhe disse, principalmente do Cabo, Capitão, Capellão e Ajudante.

Então disse o Padre Miguel Sanches de Arquino que mandava ao Padre Oliberio Nogua com Sua Mercê a receber o Cabo, e que estimava muito a sua boa vinda a aquella povoação e que não só lhe manfava beijar os pés, mas offerecer-se para lhe obedecer em tudo, e que entrassem na hora de Deus, que tudo estava socegado e nem a cortezia dos honrados e valerosos Portuguezes podia em nada alterar os corações e que o seu estava aberto para nelle e nos braços o receber com grande gosto; que só tinha o pezar de ser esta vinda em anno tão esteril pela innundação do passado: tornaram a abraçar todos ao nosso Ajudante com demonstrações de muito contentamento e **debaixo de um chapéu de sol a uso da terra, o qual é feito de pennas de avestruz**, acompanhado do Padre Irmão se foram buscando io porto do desembarque em busca do Cabo, que o estava esperando da outra parte do rio.

Embarcou-se o Ajudante e junctamente o Padre Irmão e Capitães e Alcaides e si a galera pudera com mais gente, muitos mais iriam nella a receber o Cabo, porém nas que se achavam no porto tambem se embarcaram para acompanhar ao Ajudante e dando este a senha com um tiro respondeu a tropa juncta com uma descarga ao recebimento do Padre Irmão, e ao salvarem-se com o Cabo outra e ultimamente tres vivas aos Reis tres cargas, abalando-se as galeotas da tropa com o mesmo concerto e desfilada (seguindo ao nosso Cabo), os mais fomos aportar à povoação, e já no porto estariam duas mil pessoas á nossa espera para nos cortejarem, e assim com este acompanhamento entramos pela povoação, e chegando o nosso Cabo áquella grande praça do Collegio, vieram os mais Padres a recebel-o; estavam as tres portas da igreja todas abertas e os sinos se desfaziam com repiques, charamellas, clarins, órgão e todos os mais instrumentos de musica, que fazia uma grande entoação.

O altar mór da Igreja estava ornado e com seis vellas de libra accesas, e fazendo oração o nosso Cabo e os mais de sua guarda em acção de graças entoamos a salva de Nossa Senhora com a sua ladainha e tivemos missa logo, d’onde ao levantar a Deus entoamos o ‘Tantum Ergo’ e no fim d’ella o Bemdito, o que tudo acabado, vieram os Padres e levaram ao nosso Cabo em braço para uma grande casa, que parece é quarto feito naquelle Collegio para hospedar pessopas grandes, onde estava ornado um grande famoso bofete cheio de flores e outras delicias d’aquellas Indias, e a um e outro lado da grande asa tamboretas, catre e rede, á usaná da terra, armario com o necessario, e se puzeram os Padres a praticar com o nosso Cabo no que a cada um tocava, e sendo horas de jantar se poz a mesa onde jantou o nosso Cabo e o Padre Capellão, e os guisados que lhe puzeram passaram de trinta iguarias e não vinha vianda alguma que não viesse coberta de flores, e assim que o nosso Cabo se poz á mesa começaram dois Indios a tocar harpa e rabeça que certamente enlevavam: os Indios é que serviram a mesa sem haver descuido algum nem falta do necessario e cm boa compostura e limpeza: acabado o Cabo de jantar, se juntou na propria mesa, e acabado de comer a infantaria vieram os Padres pedir mil perdões ao nosso Cabo do pouco com que se achavam para receber a sua pessoa e tiveram meia hora de conversa os Padres com o nosso Cabo, e se foram recolher até ás 2 horas que tornaram a vir. A cortezia e o modo e affagos que nos fizeram, foi mais

de muito, e naquellas mesmas horas que nós chegamos se avisaram todas aquellas povoações por terra e a cavallo. Assim, logo ao outro ia pelas 9 horas chegou o Padre João Baptista de Bosson, sobrinho do Duque de Banhos, o qual é missionário da povoação de Sancta Anna, veiu a cavallo e o acompanharam seis cavallos Indios: o modo e o carinho d' esta grande pessoa foi a maior coisa que vi: logo no outro dia chegou mais o Padre Gaspar dos Prados; este Padre veiu em canôa da missão de São Miguel de Moxoquinos; neste mesmo dia chegou mais o Padre Nicolau de Vargas da Povoação de S. Pedro dos Moxos e si mais dias estiveramos mais Padres creio chegariam, que a todos os grandes desejos de ver Portuguezes, os fazia vir tão promptos e prestes, e finalmente disse o Padre Nicolau de Vargas que si nos não topasse alli havia ir rio abaixo só para nos ver e fallar; mas deste o que devia ao sangue Portuguez é que o fazia ter este grande desejo. No dia de São Lourenço, 10 de Agosto, cantou o nosso Capellão a missa da Terça neste sancto Collegio de Sancta Cruz de Cajuvava [Cayuvabas] cuja povoação está situada em 14 graus e meio ao Sul e a cidade de Santa Cruz de Lacerda [sic; Santa Cruz de la Sierra] em 17 graus. O Governador desta grande cidade se chama Dom Luiz Alvares Gatto e o Bispo se chama Dom Leandro de Valdina Arcaya; este Bispo de tres em tres annos visita todos os povos que estão situados nos rios que declara o mappa incluso deste seu bispado.

Da cidade de Santa Cruz de Lacerda se seguem estradas ao Reino do Perú, porto do mar, cuja cidade tem vice-rei, a que chamam Dom Thomaz de Espago, tem Arcebispo e Bispo está logo a grande cidade de Lima e a cidade Joam cavelica [sic; Huancavelica] episcopal, e outra que lhe chamam Cusco, côrte antiga das Indias, mais a cidade de La-Pás, episcopal: cuja verdadeira noticia nos deu o Padre Mestre João Baptista de Bosson, e além do que tenho escripto, me deu a saber o rio Sará, que fica Leste-Oeste com a cidade de Lima, e que a agua d' aquelle rio é tão grossa que coalha e faz formar tijolos e que em fôrmas as deixam congelar da sorte que querem, e que tomava a côr parda, mui forte para limpar ferro e muito leve no peso.

E perguntando-lhe si seria esta a que cá lhe chamamos pedra pomes, me disse que a pedra pomes era uma serraria ou montes que todos os annos arde e arreventa com a força do incendio, o qual se achava em um lago d' Onde acaba o rio Nagú, donde com a cheia vinham pelo rio abaixo, mas

que esta pedra que da dita agua se congela servia para edificios e portaes; tambem me disse que **pelo grande rio de Xiriguannas há viboras, que engolem uma besta inteira e que o gentio d' lle lhe fazem guerra com tropas de cavallos**; tambem me affirmou que o anno de 1722 com uma innundação se fora a pique uma ilha chamada Chamayca [sic; Jamaica] com 200 navios que estavam ao redor d' ella ancorados, e que esta tal ilha era povoada da nação ingleza.

Os cannaviaes em Santa Cruz de Lacerda e nestas poboações duram 60 annos e até aqui onde chegamos duram 20 e 30 annos, cujas cannas são todas umas no cumprimento e grossura, e a calda mui forte que tudo é assucar, como o experimentamos por ver: estas terras dão açafão, que é o contracto d' estes Indios, cera branca, acolchoados e bordados que fazem, e há Indios que têm 100 bestas suas e mui bem ensinadas para vaquejar e 3 a 4 mil cabeças de gado que cada um tem e há outros Indios que têm muito mais.

Estes Indios de natureza são mui curiosos, tocam muita harpa, orgão, rabecas e cantam missa, são musicos de côro, e varios sabem lêr, e são pintores e com boas acções e melhor sombra, o oleo com que pintam é leite de vaccas, são bordadores imminentissimos, que nos suspenderam admirados ver tres casullas, uma capa de asperge, dalmaticas, estollas e manipulas, bolsas, palas, veu, frontaes, pannos de pulpitos, tudo bordado com as mais galhardas flores e ramos, tudo em sua ordem e tão bem matizado que não é possivel encarecer.

Tambem vimos um tapete muito grande, que estendido do alyar mór chegava aos degraus abaixo confronteiramente as portas da sacristia, com tão admiraveis labores que enlevavam os olhos.

Do altar mór para cima d' elles, uma estante dourada, com missal com chapadura de prata todo aberto ao buril por matiz e capa de velludo carmezim, um calix dourado, uma patena fatal e as galhetas que teriam um coito de altura, uma salva que serve de pratrpo d' elles e todas estas tres peças de prata dourada, a sacra e o Evangelho de S. João com molduras douradas, seis castiças de prata de boa altura, logo o throno ou camarim dourado por dentro com uma invenção para encerrar, casa boa [?], o retabulo obra miuda, mas inda estava dourado.

O governo d'este povo é na fôrma seguinte: tem dois regedores e estes dois capitães e os capitães têm dois alcaides, e quando quer um d'aquelles indios colher as suas sementeiras ou plantar as suas roças vai á casa do regedor dizer-lhe que tem este ou aquelle trabalho quefazer, este manda ao capitão que lhe dê gente eo alcaide os vai avisar aquella que é necessario para fazer aquelle trabalho e lhe assignam dia certo, no qual não faltam á porta do lavrador, e acabado o trabalho se paga a todos os que ajudaram e assim observam geralmente, por isso todos têm e são ricos; os padres que ali assistem são como vigarios d'este povo, e lhes pagam os moradores, fóra as premicias das novidades, e elles não fazem mais que administrar-lhes os sacramentos.

Em tuido que é necessario para a igreja concorre o povo, uns com dinheiro, outros com tapetes, gados, cera branca, arroz, milho, fio, pannos e tudo remettem por correcção á cidade de Santa Cruz de Lacerda, aonde tudo se lhes vende e lhes vem o necessario. Esta povoação tem quatro sinos grandes e dois pequenos, fóra garridas e rodas de campainhas, e são estes indios tributarios a seu rei.

Depois das tres badaladas da madrugada se ajunctam todos à portada Igreja para ouvirem missa onde resam o rosario de Nossa Senhora com tal devoção que, nomeando o nome de Jesus, dão junctos um ai, batendo no peito: ao levantar da hostia tocam órgão e cantam o "Te Deum Laudamus" e no fim da missa tocam charamellas e com baixões entoam o bemdicto; e acabado cada um vai para o seu trabalho. Ao meio dia nas badalladas rezam de joelhos; de manhã, dizem: "Sanctos dias dê Deus a Vossa Mercê"; á tarde dizem: "Sanctas tardes lhe dê Deus". Pelas 4 da tarde se ajunctam todos assim homens como mulheres, rapazes, raparigas e meninos, ao redor da cruz que está na praça a resar o rosario de Nossa Senhora em voz alta, e tanto que o Padre vê terem acabado os mysterios dolorosos, antes dos gloriosos, se chega e ajoelha com o povo junctamente e offerece; no fim rezam o Acto de contricção e ali mesmo resam as trindades; vi neste povo todo o genero de Officios.

Sendo aos 11 do mez de Agosto nos despedimos, porque o nosso Cabo disse aos Padres que lhe não permittia mais o seu regimento que tres dias de hospede, bem contra vontade dos religiosos, que seus desejos

mostravam que esti vessemos mais alguns dias com elles; antes d'esta despedida havia ordenado o nosso Cabo que todos geralmente se confessassem, pois tornavamos a vir passar as terribilidades e riscos de vida nas cachoeiras: o que todos assim fizeram.

Pelas 3 horas da tarde nos ajunctamos todos na igreja por ordem do Cabo, para depois de orarmos, beijarmos o sancto lenho e alcançarmos a benção papal, que aquelles Padres, com grandes indulgencias, concedem por privilegio particular; o que feito nos despedimos d'aquella boa companhia e pedindo muitos perdões e mostrando-se mais agradecidos á cortezia, urbanidade e tracto do Cabo, pois tão cabalmente se soube haver com elles.

Propoz de novo o nosso Cabo a estes Padres publicamente, recommendando e requerendo da parte do nosso excellentissimo General, em virtude do tractado feito entre os nossos reis e pela conservação dos povos, que lhe assignava de hoje por diante não passassem para baixo da bocca dos rios Mamoré e Itennis, nem interessassem d'ahi para baixo gentilidade alguma, por estes pertencerem ao serenissimo Rei de Portugal, pois desde 1639 que senhoriava o rio das Amazonas até a laguna onde se achavam os marcos pertencentes á coroa de Portugal e 400leguas da bocca do rio Madeira até o dito marco como diz o padre Acuña no seu livro Maranhão, e quando excedam, fazendo o contrario do requerimento, que inda Sua Magestade que Deus guarde tinha poderes neste Estado para fazer entregar e repôr tudo o que tocasse a seus dominios e senhorios; e com estas mesmas clausulas fariamos de nossa parte, o que ouvido pelos ditos Padres prometteram cumprir e guardar tudo acima requerido.

D'esta povoação partimos buscando o rumo do norte e gastamos rio abaixo dois dias e duas noites ás boccas doas ditos rios consignados, e no dia seguinte embocamos o rio Itennis. Este corre de leste a oeste, aonde faz o seu apartamento, e vai caminhando para as grandes povoações dos Baures e Moxos. Seguimos este rio 6 dias acima e demos nos curraes da criação de infinito gado e bestas; e fallamos com indios da nação Itennis, pertencentes á povoação de São Miguel; disse o Cabo lhe não permittia o regimento a que se estendesse mais, d'onde fizemos a volta para baixo; e vespera de S. Bartholomeu levantamos ferro já de rota batida, deixando aquelles deliciosos ares e climas mui differentes e terra tão abundante de toda a criação e plantas ferteis e campos apraziveis.

Chegamos a paragem dos nossos enviados indios da chamada do Principal Capejú a 25 de Agosto, e avistamos que no meio do rio nos vinham a encontrar 3 Tapuyos em uma limitada casca de pau; chegaram á galeota do Cabo, a quem disseram que alli etavam promptos como se lhe tinha mandado, e que suas vontades era serem compadres e amigos dos brancos com a lealdade de vassallos á corôa de Portugal; estimou muito o Cabo esta resolução para a mudança de vida e sujeição ao gremio da igreja, fazendo serviço a Deus e a Sua Megestade que Deus guarde.

Decidiram todos se queriam baptozar, ao que o nosso Cabo lches disse, aprendessem primeiro a doutrina christã, para o que lhes deixava um indio caechista; isso sim, se baptizaram os filhos menores por serem crianças, e o mesmo Sargento Mór que é o dito nosso Cabo e o Capitão foram padrinhos daquelles innocentes.

Este gentio fica descido e domestico e são da nação Cavaripunnas. E dois dias que estivemos na sua aposentadoria, sitio que o Cabo lhes consignou para aldea, só a dormir se apartavam de nós, satisfaziã-se olhando para nós e vendo o nosso tracto; ás tardes, quando rezavamos as ladainhas de Nossa Senhora (que temos por devoção), se ajunctava toda aquella familia e nós rodeavam de joelhos até acabarmos de rezar, porque o que vêm fazer, fazem. O indio a quem o Cabo encarregou lhes ensinasse a doutrina se chama Manuel Camacho, o qual é de boas practicas e muito fiel aos brancos, a quem deixamos com ete gentio e com ferramentas bastantes para ensinar tambem a fazer roças e plantar, na fórma dos indios de baixo e em toda a America se practica.

Tambem fica practicado para se descirem os da nação Apamás e Amatis, cujas povoações são cunhamenas desta nação Cavaripunnas, e agora já estarão junctos e descidos, para roçarem sobre o rio, que são confinantes umas ás outras, a quem tambem o nosso Cabo mandou dar ferramentas e outros mimos.

Chegamos ao nosso arraial em 8 de setembro com feliz sucesso, sem nos adoecer ninguem da companhia, nem nos morrer nenhum, graças ao bemdicto Deus e á sua Santissima Mãe N. S. do Carmo, é certo que com grandes perdas pelas alagações que tivemos como fica dito.

Vinte e tres cachoeiras se contam no rio da Madeira, das quaes dez se não podem passar, por nenhum meio, porque são impossiveis, e as passamos cortando pontas de terra em secco, cujos caminhos ficam feitos para quem vier atraz.

Neste nosso arraial achamos a falta de tres soldados volantes ou aventureiros, que trouxemos na companhia, os quaes desertaram atraz de nós, e finalmente chegamos a esta cidade em setembro de 1723.”

A missão à Guiana Francesa de 1727

Comenta Magalhães (1939: 44-49):

“Para que se compreenda claramente a missão de Francisco de Melo Palheta à Guiana em 1727 - da qual resultou a introdução do cafeeiro no Brasil - é mister uma rápida sinopse dos acontecimentos que a determinaram.

Ocuparam os franceses, pela primeira vez, terras de Caiena, tomando-as aos castelhanos, em 1635; mas foram dali expulsos, anos depois, pelos holandeses, que se apoderaram da região do Suriname em 1667. Colbert, que parecia nutrir aspirações gigantescas para sua pátria com relação à América do Sul, fez explorar clandestinamente o hinterland da Guiana, em 1674, por dois jesuítas (Gillet e Bechamel), e, à vista das fascinantes informações desses seus emissários tonsurados, reslveu conquistar definitivamente Caiena - o que foi realizado a 31 de dezembro de 1676 pela forte armada do vice-almirante Jean d’Estrées.

Apesar de haver a metrópole procurado assegurar o seu domínio sobre a Guiana brasileira, transformada a 14 de junho de 1636 em capitania do Cabo do Norte, que foi doada por Filipe IV a Bento Maciel Parente - cogitaram sempre os franceses, após a vitória da expedição de d’Estrées, de estender a sua posse até a margem do Amazonas. Missionários e aventureiros, vindos de Caiena, fizeram por ali muitas incursões, até que o governador daquela colônia francesa, o marquês de Ferroles, tentando pôr em execução os planos de Colbert, se apoderou, em maio de 1687, dos fortes portugueses de Araguari, Tuerê, Desterro e Macapá, arrasando os três primeiros e conservando o último. Apressou-se o governador do Estado do Maranhão,

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a expedir contra os invasores uma força militar, a qual retomou Macapá a 28 de junho daquele mesmo ano.

Pedro II, rei de Portugal, talvez deslumbrado pelo “roi-soleil”, ainda fazia do berço de Afonso Henriques um satélite da política da França. Por isso, não herdou em celebrar com Luís XIV o tratado provisional de 4 de março de 1700, pelo qual se obrigava a evacuar e demolir os fortes construídos pelos portugueses à margem aquilonar do Amazonas, desde o cabo do Norte ao rio Oiapoque ou de Vicente Pinzón. E esse pacto foi ainda renovado pelo artigo XV do tratado de aliança, que os mesmos soberanos realizaram a 18 de julho de 1701.

Mas a guerra de sucessão de Espanha - que havia de encher no mundo ocidental todo o começo o século XVIII - trouxe no bojo grandes surpresas. Não foi a menor delas a conquista de Portugal, feita pela habilidade da política inglesa. E o mesmo Pedro II - para quem já as convenções diplomáticas não passavam de farrapos de papel - celebrou com a Inglaterra o tratado de 1703, denominado Tratado de Methuen (do nome do embaixador britânico John Methuen), pelo qual repudiou a aliança francesa, entregando Portugal de pés e mãos amarrados à poderosa Albion. É verdade, contudo, que a paz de Utrecht foi duplamente favorável à nossa metrópole ibérica, quanto às pretensões da França e da Espanha sobre terras do Brasil. Pelo tratado de 11 de abril de 1713, assinado pelo marquês d’Huxelles e Nicolas Mesnager, representantes de Luís XIV, e pelo conde Tarouca e Dom Luís da Cunha, plenipotenciários de D. João V, desistiu a França (art. 9º) “de tous droits et prétentions qu’elle peut et pourra prétendre sur la propriété des terres appellées du ‘Cap du Nord’, et situées entre la rivière des Amazones et celles du ‘Yapoc’ ou de ‘Vincent Pinzon’, sans se réserver ou retenir aucune portion des dites terres, afin qu’elles soient désormais possédées par Sa Majesté Portugaise, ses hoirs, successeurs et héritiers, avec tous les droits de souveraineté, d’absolue puissance et d’entier domaine, comme faisant parties de ses États, et que’elles luy demeurent à perpétuité; sans que as dite Majesté Portugaise, ses hoirs, successeurs et héritiers, puissent jamais estre troublés dans la dite possession par sa Majesté T. C., ny par ses hoirs, successeurs et héritiers”. Esse solene pacto foi ratificado pela França a 18 de abril e por Portugal a 9 de maio, do mesmo ano de 1713. E pelo tratado de paz e amizade, firmado também em Utrecht a 6 de fevereiro de 1715, entre

Portugal e a Espanha (os embaixadores de D. João V foram os mesmos do ajuste com a França e o de Filipe V foio duque de Osuna), puseram os dois Estados ibéricos termo à questão da Colônia do Sacramento, entregue com o seu território (arts. 6º e 7º) à plena soberania lusitana.

Ao sul e ao norte, não obstante o rigor desses convênios, não tardaram a surgir novos motivos de atrito entre as nações que os haviam celebrado. No sul, não pôde Portugal impedir a ocupação, fortificação e povoamento do porto de Montevidéu, em fins do ano de 1723, o que deu causa, afinal, a não termos hoje como fronteira a natural do rio da Prata; e continuavam no setentrião os franceses de Caiena a entrnhar-se, subrepticamente, pelas terras da capitania do Cabo do Norte. Ao tempo do governo de Bernardo Pereira de Berredo (1718-1722), tentaram comerciar e resgatar índios no território amazônico, o que consta da resolução régia de 3 de janeiro de 1721 (“Consultas do Conselho Ultramarino”). Em 1723, já sendo governador João da Maia da Gama, incitaram contra os portugueses do Pará aos selvagens aruãs, que atacaram a aldeia de Moribira. E, em 1724, arribou a Belém um navio vindo de Caiena, com o velado intuito de mercância.

João da Maia da Gama exerceu a maior vigiância, no sentido de serem cumpridas as cláusulas do tratado de Utrecht. Além das guarnições dos presídios do Cabo do Norte, que defendiam a fronteira contra as invasões dos franceses de Caiena, todos os anos fez correr o litoral, desde a foz do Amazonas até ao rio Oiapoque, por uma esquadilha de canoas armadas.

Tendo comandado, em 1723, uma dessas expedições da flotilha guarda-costa o capitão João Pais do Amaral - este, ao dela regressar, deu parte ao governador que vira no cume da montanha d’Argent, situada a oeste do cabo de Orange, um padrão com armas portuguesas. Existem, sobre isso, dois preciosos documentos. O primeiro, datado de 12 de maio de 1723, é uma cópia contemporânea do que foi remetido do Pará para Lisboa (onde não mais se encontra) e pertence à nossa Biblioteca Nacional (v. “Catálogo da Exposição de História do Brasil, 1881, vol. 1, pág. 72, no. 750): ‘Roteiro da Costa de Araguay the o Rio de Vicente Pinzon plo. nome de terra Guaiapoco que mandou fazer o Capitam Gl. do Estado João da Maya da Gama indo o do. Captam. Commandante a reconhecer a parage honde estavão os Marcos das terras de Portugal etc.’ O outro é uma justificação judicial

sobre o mesmo assunto, feita por ordem do governador João da Maia da Gama e processada a 19 de julho do mesmo ano (MS. da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cod. CCLXVIII, 17-56), e tem por título: 'Auttos Civeis de justificação sobre as terras do Cabo do Norte, e marcos que no Rio de Vicente Pinzon chamado Yapoco se acharão que dividem os dominios de Sua Magestade que Deus guarde, dos da Corôa da França, e o mais que na dita Justificação se declara'.

Este padrão da montanha d' Argent era de pedra, na qual se lavrou 'um grande quadro de largura'. Nele, conforme os referidos documentos, viam-se, de um lado, 'as cinco Chagas ou Reaes quinas', e, do outro lado, 'huns castellos com hum Leão'. Foi posto ali, como é de acreditar-se, por Bento Maciel Parente, em 1639. Entretanto, atribuíram-no os franceses, não àquela data, nem ao destinatário da capitania do Cabo do Norte, mas à expedição de João Pais do Amaral. E foi em 1726 derribado o dito padrão e lançado ao mar por ordem do governador da Guiana Francesa, conde d'Orvilliers, o qual, em carta de 12 de agosto do mesmo ano, dirigida a João da Maia da Gama, também atribuiu a ereção do marco a João Pais do Amaral.

A baliza de pedra com as armas portuguesas - já então no fundo do Atlântico - é que ia levar à Guiana Francesa o homem destinado por fados propícios a trazer de lá o café para o Brasil. Não tardou, com efeito, a chegar ao conhecimento de João da Maia da Gama o boato de que fôra consumido o padrão, ao qual não podia deixar o governador lusitano de ligar a devida importância, porquanto o mesmo fôra tanchado no pico de um monte sito próximo à foz do Oiapoque ou rio de Vicente Pinzón, dado ali como linde entre as coroas de França e Portugal, ex-vi do art. 8º do Tratado de Utrecht.

Fez ele, portanto, aprestar uma expedição, cujo comando confiou ao sargento-mor e cabo da tropa da bandeira de 1722-1723, a qual, como se viu do respectivo relato anônimo, fôra também motivada pelo Tratado de Utrecht, na parte em que dispunha este sobre as fronteiras entre Portugal e Espanha, no Novo Mundo, e já tendia a assegurar as vantagens que depois iam resultar para a coroa lusitana, do Tratado de Madri (1750), cujo verdadeiro autor foi Alexandre de Gusmão. Complexo e árduo era o encargo de que ia desempenhar-se Francisco de Melo Palheta, na vizinha possessão francesa. Como tinha que comandar uma flotilha, com equipagem e

guarnição, ao posto de sargento-mor aliou o de capitão da guarda-costa, por expressa nomeação, emanada do governador, que lhe deu por escrito instruções (MS no. 1052 da Biblioteca Nacional de Lisboa, Arquivo do Conselho Ultramarino) datadas de 20 de fevereiro de 1727.

As vistorias efetuadas nos marcos da Montanha d' Argent

Seguiram, sob as ordens de Palheta, o capitão reformado José Mendes Simplício, o ajudante Francisco Xavier Botero e o sargento João Freire de Carvalho, tendo ido como capelão o missionário capuchinho Frei Bernardino de Santa Teresa. Além das quatro canoas que, na realidade eram chalupas, cada uma das quais podia transportar de 30 a 50 homens, juntaram-se à flotilha mais cinco pirogas.

Tratou Palheta de cumprir, ponto por ponto, as ordens que recebera. Logo que aportou à foz do Oiapoque, entre o cabo de Orange e a montanha d' Argent (em dia que não se pode precisar, porém antes de 4 de maio), destacou da esquadilha uma piroga, na qual enviou dois oficiais (José Mendes Simplício e outro cujo nome se ignora, talvez o ajudante Francisco Xavier Botelho), acompanhados do capelão franciscano (Frei Bernardino de Santa Teresa), incumbidos de entregar ao governador da Guiana Francesa, em Caiena, a carta, datada de 20 de fevereiro de 1727, que ao mesmo dirigia João da Maia da Gama.

Em presença de um alferes de infantaria e dois soldados da praça de Caiena, realizou Palheta, que levou consigo toda a força da expedição, a 13 de maio, o exame do lugar em que vira João Pais do Amaral, em 1723, o padrão português, posto em 1639 no alto da montanha d' Argent, e dali arrancado pelo franceses em 1726. Era esse o objetivo principal da sua missão.

Tendo dado desempenho ao objetivo principal da sua incumbência militar, julgou Palheta de bom alvitre dirigir-se à capital da Guiana Francesa, ou para receber das mãos de Claude d'Orvilliers a resposta à carta de João da Maia da Gama, ou para agradecer àquele governador a gentileza da presença de um oficial e dois soldados que o mesmo enviara, para assistirem à vistoria, dias antes efetuada.

A obtenção de sementes e mudas de café

Ao tempo de sua expedição à Guiana Francesa, tinha-se proibido ali fosse feita aos portugueses, por parte dos moradores da colônia, a venda de café “capaz de nascer”, conforme bando do governador, que o mandou publicar por toda parte, ao som de caixa.

Conta-se a estória ingênua que, estando Palheta no palácio da suprema autoridade de Caiena, ali lhe serviram uma xícara de café, que ele, tomando pela primeira vida na vida, enchesse de gbos entusiásticos, lamentando não existisse ainda, nas terras da sua pátria, a planta de que se extraía tão saborosa bebida. Madame Claide d’Orvilliers, num gesto de galanteria, teria então metido num dos bolsos do casaco, à vista do marido sorridente, ali ou alhures, um punhado de grãos de café, dizendo-lhe, talvez, que com eles poderia renovar, em casa, quando regressasse a Belém, o prazer que então experimentara com a deliciosa beneragem.

Ora, tal estória é inverossímil, e a esposa do governador não poderia violar de maneira tão ostensiva o bando do governador, seu marido. Na realidade, não foi apenas um punhado de sementes que Palheta levou para o Pará, mas mil e tantas frutas e cinco plantas de café, provavelmente conseguidas de algum francês interessado.

Palheta entregou as sementes e mudas, não ao governador do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, mas aos vereadores da Câmara Municipal de Belém, para serem distribuídas pelos agricultores da capital do Pará. Ele mesmo entregou-se à cultura da preciosa planta, em terras próprias, embora delas não fizesse lavoura intensiva, pois que, em 1733, possuía apenas mil e tantos pés.

Do Pará o cafeeiro foi levado posteriormente para o Maranhão, daí para o Rio de Janeiro e posteriormente para São Paulo e Minas Gerais e outros estados, transformando-se em uma das grandes fontes de riqueza do Brasil.

De Palheta sabemos que, por volta de 1733, estava viúvo, com cinco filhos. Não se conhece da data de seu falecimento.

REFERÊNCIAS

- GARCIA, R. 1917. O diário do padre Samuel Fritz. *Revta Inst. hist. geogr. Brasil* 81(135): 353-397.
- MAGALHÃES, B. 1939. O Café na história, no folclore e nas belas artes. Segunda edição (aumentada e melhorada). Companhia Editora Nacional (Série 5 - Brasileira) - vol. 174. Biblioteca Pedagógica Brasileira, São Paulo.
- PAPAVERO, TEIXEIRA, D.M., OVERAL, W.L. & PUJOL-LUZ, J.R. 2000. O Novo Éden: fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1777). Museu Paraense Emílio Goeldi (Coleção Alexandre R. Ferreira), Belém, PA.